

O OUTSIDER NO ROMANCE *O FILHO DA MÃE* DE BERNARDO CARVALHO

Carlos Henrique Vieira¹

Universidade Federal de São Paulo

Resumo: Termos como “párias”, “desajustados” e “deslocados”, bem como os sentimentos de inadequação, marginalidade e vulnerabilidade normalmente estão vinculados às personagens de Bernardo Carvalho. Em seu mais recente romance, *O filho da mãe* (2009), isso não é diferente. Os protagonistas da narrativa, Ruslan e Andrei, são os personagens sobre os quais recaem tais características, o que nos permite entendê-los como representações dos outsiders.

Palavras-chave: *O filho da mãe*; Bernardo Carvalho; marginalidade; outsider; literatura brasileira contemporânea.

Abstract: Terms such as “outcast”, “misfit” and “displaced” as well as feelings of inadequacy, marginality and vulnerability normally are associated with the characters of Bernardo Carvalho. This is not different in his latest novel, *O filho da mãe* (2009). The main characters of the narrative, Ruslan and Andrei, have these characteristics which allow us to understand them as representations of outsiders.

Key-words: *O filho da mãe*; Bernardo Carvalho; marginality; outsider; contemporary Brazilian literature.

O mais recente romance de Bernardo Carvalho, *O filho da mãe* (2009), faz parte do projeto “Amores Expressos”, no qual dezessete escritores brasileiros foram enviados para passar um mês em diferentes cidades do mundo com a missão de escreverem uma história de amor,

1. Este artigo é resultado da pesquisa de iniciação científica “O outsider: marginalidade e degradação no romance *O filho da mãe* de Bernardo Carvalho”, financiada pelo PIBIC/CNPq e desenvolvida na Universidade Federal de São Paulo, sob a orientação da Profa. Paloma Vidal.

além de manterem um blog durante o período em que permanecessem na cidade de destino.

Desde a leitura do blog mantido por Carvalho, durante a sua estadia na cidade russa de São Petersburgo, podemos perceber que o autor não buscava representar em seu romance a beleza da cidade turística. Pelo contrário, ao escrever o seu último texto para o blog ele conta entre outras coisas uma visita aos “guetos” da cidade russa e afirma:

E, por incrível que pareça, é entre essa sucessão deprimente de enormes blocos de apartamentos, alguns em estado avançado de decrepitude, margeando uma imensa avenida, um mundo na maior desolação, que pela primeira vez reconheço a vida que eu procurava para o meu romance, a do outsider².

Antes de esclarecermos quem são as personagens outsiders do romance de Carvalho, cabe aqui um breve esclarecimento sobre o que é um outsider, ou mais especificamente sobre a compreensão para o termo adotada neste artigo, em razão da abrangência que esse pode alcançar.

Outsiders são aqueles que não se enquadram ou não se adequam a um grupo ou instituição específica. Sendo na maioria das vezes estigmatizados pelos membros do grupo estabelecido, ou *establishment*, para utilizar o termo de Elias & Scotson (2000).

Howard Becker (2008), ao estudar comportamentos rotulados como desviantes na sociedade norte-americana da segunda metade do século XX, observa como a existência de todos os grupos sociais está baseada em regras que em determinado momento são impostas a outras pessoas. No entanto, costumeiramente, essas regras não são aplicáveis ou

2. Trecho do último post do blog do autor: “Brincando de mímica em russo”. Disponível em: <http://blogdobernardocarvalho.blogspot.com>. Acesso em: 10 de maio de 2010.

seguidas por todos os membros de uma coletividade, encontrando assim pessoas que são desviantes do padrão esperado. Logo, “quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. *Essa pessoa é encarada como um outsider*” [grifo meu] (BECKER 2008: 15).

Doravante ao utilizarmos o termo *outsider* estamos nos referindo àqueles que apresentam características desviantes daquelas bem aceitas por um grupo social; são aqueles que têm que lidar com a inadequação: os estigmatizados, os deslocados, os desajustados.

Em *O filho da mãe* as características comuns aos *outsiders* recaem, principalmente, sobre os protagonistas da narrativa. Ruslan e Andrei aparecem desamparados, enfrentando a inadequação e a solidão que o deslocamento para a cidade de São Petersburgo impõe a ambos, bem como a conseqüente marginalidade que passam a vivenciar nos becos e subúrbios de uma cidade da qual não se sentem parte.

Ruslan é tchetcheno e, atendendo a um pedido da avó paterna que o criou, fugindo da guerra e da morte que se mostrava iminente em Grózni, vai para São Petersburgo trabalhar na reconstrução da cidade devido às comemorações do tricentenário. São Petersburgo também representa a possibilidade de Ruslan encontrar aquilo que nunca teve: uma mãe, pois, como lhe revela a avó pouco antes de morrer num campo de refugiados na Inguchétia, é lá que Anna mora. Andrei é de Vladivostok e está em São Petersburgo, pois foi obrigado pelo padrasto a servir ao exército russo. Sua mãe, Olga, sucumbe à vontade do marido com receio de perdê-lo e permite que o filho seja enviado ao exército, apesar de que alguns recursos evitariam essa partida, como uma dispensa médica, por exemplo. Em São Petersburgo, Andrei se torna um desertor depois de ser roubado quando retornava ao quartel, após ser obrigado a prestar serviços sexuais com o

propósito de “arrecadar verba para completar o salário dos superiores e sustentar o quartel falido” (CARVALHO 2009: 98).

Ao contrário de outras personagens da literatura contemporânea que sofrem com a sensação de não pertencimento estando fora de seu país, Ruslan e Andrei, apesar de migrarem de uma República que busca a sua independência e de uma cidade situada no extremo oriente da Rússia, respectivamente, não se encontram separados de sua terra de origem, mas ambos tornam-se estrangeiros dentro de seu próprio país, são personagens apátridas, que não se sentem parte da sociedade à qual deveriam pertencer. Para eles São Petersburgo é a cidade opressora e inóspita, um “território inimigo” (CARVALHO 2009: 132). Resta-lhes apenas o sonho de um dia conseguirem um passaporte comprado ou roubado, para que possam se livrar da nação à qual não pertencem. E onde ocupam apenas os espaços degradados e abandonados, como os becos dos subúrbios e os prédios em ruínas.

A partir do deslocamento dessas personagens para São Petersburgo, Bernardo Carvalho adquire meios para problematizar no romance uma questão latente na contemporaneidade, a xenofobia. Pois, como afirma Bauman:

Um espectro paira sobre o planeta: o espectro da xenofobia. Suspeitas e animosidades tribais, antigas e novas, jamais extintas e recentemente descongeladas, misturaram-se e fundiram-se a uma nova preocupação, a da segurança, destilada das incertezas e intranquilidades da existência líquido-moderna. (BAUMAN 2004:143).

Assim, sob a imagem de cidade cosmopolita e moderna, São Petersburgo esconde discriminação, aversão e racismo. Maksim, irmão de Ruslan por parte de mãe, é a personagem do romance de Carvalho

que une e condensa em si dois problemas sociais atuais, sobretudo, nos grandes centros urbanos, a xenofobia e a homofobia, haja vista que ele é integrante de um grupo de skinheads; a sua aversão e ódio aos estrangeiros, sobretudo aos imigrantes do Cáucaso são manifestados, por exemplo, quando ele utiliza o termo “bunda-preta” (CARVALHO 2009: 71) para se referir a Ruslan, ao saber que ele é tchetcheno.

Tal questão já aparecia no blog que Bernardo Carvalho manteve durante a sua estadia em São Petersburgo, nele o autor escreve sobre a ação de grupos de skinheads naquela cidade, como observamos no seguinte trecho: “É aqui, em São Petersburgo, uma cidade bem mais turística e provinciana, que acontecem os piores ataques (em geral, não reprimidos) dos skinheads neonazistas, contra gays e estrangeiros (sobretudo do Cáucaso e das ex-repúblicas soviéticas)”³.

Para situar essa problemática, Carvalho lança mão de uma guerra, a Segunda Guerra da Tchetchênia como pano de fundo de seu romance, dando continuidade a uma constante de sua obra, a saber, a ficcionalização de temas e períodos históricos conturbados e sombrios⁴.

3. Trecho de “*Bani*”, texto publicado pelo autor no blog do projeto Amores expressos em 18 de setembro de 2007; disponível em: <http://blogdobernardocarvalho.blogspot.com>. Acesso em 10 de maio de 2010.

4. Não é preciso muito para notar que Bernardo Carvalho não só faz referências, mas ficcionaliza tempos sombrios e cruciais de nossa história, havendo uma recorrência dos períodos de guerra. Se *O filho da mãe* tem como pano de fundo a Segunda Guerra da Tchetchênia, *Nove noites* (2002), narrativa cindida em dois tempos distintos, tem a história do antropólogo americano Buell Quain ambientada no fim da década de 1930 no Brasil, ou seja, às vésperas do início da Segunda Guerra Mundial e durante o Estado Novo, regime ditatorial imposto por Vargas, enquanto o narrador, no início do século XXI, tenta lidar com a insegurança disseminada pelos Ataques Terroristas de 11 de Setembro. A Segunda Guerra Mundial também aparece nos relatos feitos pela personagem Setsuko (Michiyo) ao narrador de *O sol se põe em São Paulo* (2007). Onde a guerra serve não apenas como pano de fundo para as histórias das personagens, passada no Japão entre as décadas de 1940 e 1950, mas torna-se o principal agente que a princípio separa vidas e que posteriormente liga definitivamente os destinos dos protagonistas da narrativa, Michiyo, Jokichi e Masukichi; enquanto o narrador do romance vivencia a violência das metrópoles pós-modernas, haja vista que há no romance referências ao caos que tomou a cidade de São Paulo em maio de 2006 com os ataques criminosos do PCC (Primeiro Comando da Capital) contra forças de segurança, lugares públicos e alguns civis.

O que se denomina Segunda Guerra da Tchetchênia é a retomada dos intensos confrontos entre as tropas russas e os grupos separatistas da pequena província do Cáucaso em 1999. Guerra essa movida pelo desejo separatista de rebeldes tchetchenos e pela ambição do governo russo de manter sob o seu jugo o território que desde o início da década de 1990 almeja o reconhecimento de sua independência.

A Guerra está diretamente relacionada às personagens de *O filho da mãe*, principalmente Ruslan e Andrei. E, torna-se uma ameaça constante, uma espécie de fantasma que os assombra: “Como recordação para o ladrão, que precisa fugir do passado, e como ameaça para o recruta que tenta evitar o futuro” (CARVALHO 2009: 139). Ela provoca um permanente estado de pavor e angústia na já desolada vida dos protagonistas e torna a atmosfera do romance ainda mais densa, sendo pontuada pela apreensão, a destruição e o medo.

Ruslan e Andrei compartilham também o sentimento de orfandade, por terem sido renegados pelas próprias mães, o que serve para aumentar a solidão e o desamparo que ambos enfrentam, haja vista que além de estarem em uma cidade da qual não se sentem parte e vivenciando a ameaça constante de uma guerra, eles não podem contar com ninguém. Para essas personagens os laços de afeto, sobretudo em relação as suas mães, ou não existem ou foram rompidos definitivamente.

Ruslan fora abandonado pela mãe, dois meses após o seu nascimento, e quando este, já adulto, volta a procurá-la é renegado novamente a ponto de num segundo encontro com Anna, na entrada do prédio onde ela morava, ter de ouvir que nunca foi quisto por ela, e que a sua gravidez havia sido uma irresponsabilidade. Já Andrei, como mencionado anteriormente, sente-se abandonado pela mãe a partir do momento em que deve se apresentar ao exército por imposição do padrasto que alega que “o exército é necessário. Endurece as pessoas, forja o caráter. Um homem não sobrevive à Rússia se não passar pelas forças armadas” (CARVALHO

2009: 115). Em decorrência das atitudes do padrasto e da omissão da mãe, Andrei não consegue nenhum documento que o impeça de ser convocado, sendo assim enviado para servir em São Petersburgo, onde posteriormente se tornará um desertor. É só quando isso acontece é que Olga percebe que talvez o filho já não a considere como uma pessoa com quem ele possa contar e confiar, a ponto de ele recorrer a uma estranha, Marina, membro do Comitê das mães dos soldados de São Petersburgo, ao invés dela. Logo, em um romance onde a relação entre mães e filhos é um dos temas centrais, as figuras maternas centrais, Anna e Olga, aparecem desmitificadas, sem a aura de mães perfeitas ou heroínas.

Se a omissão caracteriza as mães de Ruslan e Andrei, a figura paterna para ambos está diretamente ligada à ausência. Chakhban, pai de Ruslan, morre no inverno de 1999 no início da Segunda Guerra da Tchetchênia quando os russos tomam Grózni. Já o contato entre Andrei e seu pai, o brasileiro Alexandre Guerra, por aproximadamente uma década limitou-se aos telefonemas que recebia duas vezes ao ano, um no Natal e outro no seu aniversário, desde que os pais se separaram e que Alexandre voltara para o Brasil.

Além do sentimento de estrangeiridade em relação ao seu próprio país, a inadaptação a cidade de São Petersburgo e o sentimento de orfandade que tornam mais complexa a marginalização e consequente exclusão de Ruslan e Andrei, a sexualidade é outro fator que contribui decisivamente para deflagrar o desvio da sociedade na qual estão inseridos. É importante ressaltar que Ruslan e Andrei encontram-se inseridos em uma sociedade onde a homossexualidade é presumida, onde a heterossexualidade é “compulsória” (BUTLER 2008: 168). Como afirma o narrador ainda no início do romance, aquela é uma sociedade na qual a qualquer um que se fizer a pergunta dirá que não há homossexuais. Ironicamente, já na segunda parte do romance, observamos o encontro, o reconhecimento e o envolvimento homoafetivo entre os protagonistas da narrativa, Ruslan e Andrei.

Logo, ao manifestarem uma sexualidade desviante da maioria dominante eles encontram no seu próprio desejo outro elemento que serve para acentuar ainda mais a sua marginalização. Pois, como observa Denilson Lopes em seu ensaio “Terceiro manifesto *Camp*”: uma identidade desviante da dita normalidade “leva à prisão de uma universalidade homogênea e autoritária. A diferença exacerbada leva aos isolacionismos, autoritarismos das minorias, bairrismos” (LOPES 2002: 108). Ou seja, por manifestarem uma sexualidade considerada “anormal”, “diferente” e “estranha” pela sociedade na qual estão inseridos, Ruslan e Andrei são mais uma vez excluídos do grupo bem aceito.

Consequentemente, esta sexualidade só é explorada nos becos e guetos dos subúrbios de São Petersburgo, em locais degradados e abandonados, onde dificilmente seriam vistos por qualquer outra personagem. Há, ao longo do romance, por parte dessas personagens e de outras também, a tentativa de ocultação dos desejos homossexuais. Assim, o primeiro envolvimento sexual entre Ruslan e Andrei acontece numa ilha abandonada pela Marinha russa, bem como o envolvimento afetivo que eles mantêm por um curto período de tempo fica restrito ao apartamento em que eles vivem e utilizam como refúgio, apartamento este abandonado por Marina, após a morte de seu filho Pável, a quem Andrei recorreu após desertar do exército. A ocultação de seus desejos sexuais, torna as personagens do romance de Carvalho, além de marginalizados, seres invisíveis⁵.

5. Ainda na primeira parte do romance o narrador relata o primeiro envolvimento homoafetivo entre Ruslan e outro rapaz tchetcheno, Akif, e assim como o posterior envolvimento com Andrei os encontros entre Ruslan e Akif são restritos às salas de aula em ruínas da Universidade de Grózní ou aos vagões de trem abandonados, “E talvez por isso Ruslan e Akif não tenham sido vistos durante os meses em que se encontraram nas ruínas do prédio da escola de medicina. *Porque eram invisíveis*” [grifo meu] (CARVALHO 2009:35). Essa mesma invisibilidade frente a um envolvimento homoafetivo volta a aparecer na segunda parte do romance, a partir do encontro e do posterior envolvimento homoafetivo entre Ruslan e Andrei, que como dissemos, tentam ocultar a todo custo os seus desejos sexuais, numa tentativa de resguardarem

Os fatos anteriormente citados e compartilhados por Ruslan e Andrei, além de provocar a sensação de estranhamento e de não pertencimento à sociedade russa, também contribuem para que eles terminem praticando atividades não convencionais, ou mesmo ilícitas, ocupando definitivamente um lugar à margem. Logo, Ruslan, apesar de trabalhar como pedreiro na reconstrução da cidade, à noite furta carteiras com o intuito de juntar dinheiro suficiente para comprar um passaporte falso e fugir de São Petersburgo, não descartando as esperanças de em uma noite conseguir roubar o passaporte de algum turista. Já Andrei, é obrigado por seus superiores a se prostituir e torna-se um desertor ao ter o dinheiro de um programa roubado. No entanto, se por um lado, essas atividades noturnas dos protagonistas inserem-nos definitivamente na marginalidade, por outro, possibilitam que eles se conheçam e se reconheçam desde a primeira vez que se veem, pois é Ruslan quem rouba o dinheiro de Andrei nos arredores de uma praça escura e degradada.

Assim, as personagens de Carvalho se assemelharia com os homens e mulheres da sociedade contemporânea “desesperados por relacionar-se” (BAUMAN 2004: 8). Segundo Bauman o que todos esperam obter das relações de afeto na sociedade líquida atual é a segurança, a necessidade de ter com quem contar nos melhores e piores momentos. Há no romance de Carvalho a menção a um termo inguiche que serviria para definir o que Bauman observou ser o desejo de muitos na sociedade contemporânea: *kunak*. Segundo a narrativa de Carvalho: “Nenhum homem será completo enquanto não encontrar o seu *kunak*. Só então poderá seguir o próprio caminho em paz, sabendo que existe no mundo alguém, como ele, com quem ele pode contar na vida e na morte” (CARVALHO 2009: 161).

a própria vida, haja vista que se encontram numa sociedade intolerante que não admite nem mesmo a existência em seu território de outra forma de sexualidade que não aquela dominante.

Portanto, a busca empreendida pelos protagonistas da narrativa de Carvalho é uma busca subjetiva por uma outra pessoa, qualquer pessoa que possa basicamente lhes dar afeto e que lhes amenize a solidão. Busca que permite o reconhecimento entre o recruta do exército russo e o batedor de carteiras tchetcheno, o primeiro tornando-se vítima do segundo, quando eles se encontram e encontram o que tanto buscavam, pois, um reconhece no outro uma vulnerabilidade maior que a sua própria e isto lhes desperta o amor.

Por fim, destacamos que tanto o encontro quanto o desenrolar do envolvimento homoafetivo entre Ruslan e Andrei acontecem na segunda parte do livro, intitulada “As quimeras”, título que não é dado por acaso, como percebemos quando descobrimos o que são as quimeras, ao lermos na carta de despedida que Ruslan escreve a Andrei sobre uma viagem pelas montanhas da Tchetchênia que ele fizera ainda criança com o pai:

Passamos por uma casa onde havia nascido um animal que era dois sem ser nenhum. Uma égua dera à luz um potro no qual estavam misturados dois embriões. A isso chamam quimera, como depois eu ia aprender na faculdade. Era um animal estranho, parecia um potro, mas era outra coisa, dois fundidos num só, indistintos. (...). As quimeras são raras e os pastores nas montanhas as veem como portadoras de mau agouro (...). Por isso quando esses animais não morrem ao nascer, os próprios camponeses se encarregam de lhes dar um fim. (CARVALHO 2009: 160-1).

Porém, cabe observarmos que a quimera central do romance não é a biológica formada a partir da fusão de dois embriões, mas a formada a partir do encontro entre Ruslan e Andrei. Encontro do qual surge o amor e a união dos dois corpos iguais, que semelhantemente à quimera anteriormente descrita é renegada pelos homens e fadada a ser destruída.

Como vimos, Ruslan e Andrei não são marginalizados e consequentemente excluídos por um simples ou único motivo; ao contrário, sobre eles recaem uma série de características e sentimentos que os coloca cada vez mais à margem da sociedade na qual deveriam estar inseridos. São essas características – a estrangeiridade, o envolvimento com a guerra, o sentimento de orfandade e a sexualidade desviante – que nos permitem entendê-los como outsiders e que os conduzem, por um lado, ao encontro e ao reconhecimento entre dois, que em muito se assemelham e, por outro, ao desfecho trágico que lhes é reservado ao fim da narrativa.

Muitas destas características que intensificam o desajuste de Ruslan e Andrei já apareciam nas narrativas de Carvalho que antecederam *O filho da mãe*. Pois, em romances como *Nove Noites* (2002), *Mongólia* (2003) e *O sol se põe em São Paulo* (2007) podemos observar personagens solitários e desamparados, que empreendem constantes deslocamentos na tentativa, quase sempre mal sucedida, de encontrar um lugar no qual se sintam parte integrante⁶. Assim, podemos observar que a representação de personagens outsiders por Carvalho não é uma novidade iniciada em *O filho da mãe* e que há neste romance uma relação temática com aqueles que o antecederam, haja vista que nos romances anteriores do autor podemos encontrar personagens com características semelhantes às de Ruslan e Andrei, seres desajustados e que ocupam as margens da sociedade na qual aparecem inseridos. O que nos permite delinear uma tendência na obra de Bernardo

6. Em *Nove Noites*, por exemplo, encontramos Buell Quain, um antropólogo americano que se suicida numa aldeia indígena do Xingu na década de 1930, que é caracterizado através de adjetivos como *excêntrico*, *instável*, *desajustado*. Em *Mongólia* há a inadequação de ocidentais ao Oriente, sobretudo, na relação de um fotógrafo brasileiro não nomeado com a cultura e costumes orientais; esse é apelidado por um mongol como Buruu nomton – “aquele que não segue os costumes e não cumpre as regras, o que chamam de desajustado no Ocidente” (Carvalho 2004:61). Enquanto as personagens de *O sol se põe em São Paulo*, tanto as que aparecem na São Paulo do século XXI quanto aquelas que estão inseridas no Japão entre as décadas de 1940 a 1950, são párias. Párias com os quais o narrador se identifica, afirmando ao fim da narrativa que aquela é “uma história de párias, como eu e os meus, gente que não pode pertencer ao lugar onde está, onde quer que esteja” (CARVALHO 2007:193-4).

Carvalho cuja pertinência certamente contribui a fazer dele um dos mais importantes escritores brasileiros contemporâneos.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

BECKER, Howard Saul (2008). *Outsiders: estudo de sociologia do desvio*. Tradução: Maria Luiza X. de Borges; revisão técnica: Karina Kuchnir. Rio de Janeiro, Zahar.

BUTLER, Judith (2008). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

CARVALHO, Bernardo (2003). *Mongólia*. São Paulo, Companhia das Letras.

____ (2002). *Nove noites*. São Paulo, Companhia das Letras.

____ (2009). *O filho da mãe*. São Paulo, Companhia das Letras.

____ (2007). *O sol se põe em São Paulo*. São Paulo, Companhia das Letras.

Bernardo Carvalho. *Blog do Bernardo Carvalho*. Projeto “Amores expressos”. Disponível em: <http://blogdobernardocarvalho.blogspot.com>. Acesso em: 10 de maio de 2010.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução: Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã: Pedro Sússekind. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

LOPES, Denílson (2002). *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Aeroplano.